

UCRÂNIA: SINAIS DE EXAUSTÃO DO CONFLITO

Por Gabriel Camilli*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

A ofensiva russa no Donbass continua, ameaçando cidades ucranianas; uma cúpula Trump-Putin em Budapeste busca a paz; com a ajuda diminuindo e o cenário geopolítico mudando, o conflito parece esgotado, apontando para soluções diplomáticas.

Os combates em Donbass não diminuíram significativamente. Pelo contrário, avanços maciços da máquina russa foram observados nos últimos dias. O clima persistentemente bom no leste da Ucrânia prolonga ainda mais a fase culminante da ofensiva de verão da Rússia. Quando as chuvas de outono trazem a famosa temporada de lama — conhecida em ucraniano como Bezdorishzhia e em russo como Rasputitsa — nada funciona. Fora das estradas pavimentadas, o terreno se transforma em um inferno de lama.

“Até que o mau tempo chegue, a Rússia continuará tentando alcançar pelo menos um sucesso simbólico”, segundo o coronel Markus Reisner¹.

Seis cidades permanecem sob grave ameaça das tropas do Kremlin. De norte a sul, são elas: Kupyansk, Lyman, Siversk, Kostiantynivka, Pokrovsk e Novopavlivka. O oficial do exército austríaco está pessimista em relação a alguns redutos ucranianos: *“Do jeito que as coisas estão, Pokrovsk cairá mais cedo ou mais tarde. Siversk está em uma posição muito vulnerável e pode cair também. O mesmo vale para Kupyansk.”* Será que os machados são apenas um estratagema? Trump e Putin apostam na paz na Ucrânia.

¹ Historiador, especialista militar e oficial das Forças Armadas austríacas, se tornou internacionalmente conhecido por meio de suas análises sobre os acontecimentos militares sobre a Guerra Russo-Ucraniana.

O governo americano anunciou que Trump e Putin querem se encontrar na Hungria; a data ainda está pendente. As opiniões sobre o assunto estão divididas.

Mesmo os otimistas não ousam esperar que Putin se deixe intimidar pelos machados. “Quase toda vez que o Ocidente considera fornecer novas armas à Ucrânia ou apoio mais decisivo de outras maneiras, uma ameaça nuclear vem de Moscou — às vezes velada, às vezes flagrante”, resumiu Ulrich Speck² no *Neue Zürcher Zeitung*. Isso foi em meados de 2024, e a tática ainda funciona para manter a OTAN praticamente sob controle. Mesmo antes da entrega dos caças F-16, o ministro das Relações Exteriores russo, Sergei Lavrov, havia ameaçado uma conflagração global.

SEGUNDA CÚPULA

Um telefonema de duas horas e meia para marcar uma segunda cúpula, desta vez em Budapeste. Esta é a conclusão essencial da longa conversa entre Donald Trump e Vladimir Putin. E não é uma conclusão menor. Mostra que, apesar de inúmeras declarações bombásticas e até ameaçadoras, a comunicação entre Moscou e Washington sempre permaneceu aberta desde a cúpula de Anchorage. Houve muitos sinais disso, e não ficaríamos surpresos se Alexander Lukashenko desempenhasse um papel fundamental. Isso culminou nos últimos dias com a proposta de Lukashenko para um “acordo de longo alcance” entre a Bielorrússia e os Estados Unidos.

O contexto geoestratégico de pressão renovada de ambos os lados, o aumento das tensões bilaterais e o crescente temor de que provocações de falsa bandeira na Europa possam levar à guerra tornam a cúpula planejada para Budapeste mais provável de sucesso do que a de Anchorage.

Além da situação no campo de batalha mencionada: a Ucrânia está em apuros. O Rastreador de Apoio à Ucrânia do Instituto Kiel nos informa que, apesar das iniciativas mais recentes da OTAN, a ajuda militar europeia à Ucrânia caiu 57% no segundo semestre do ano em comparação com o primeiro semestre, e 43% no total. Em resumo: a menos que os fundos russos sejam confiscados, será difícil avançar. E quanto mais a guerra se arrasta, maior o número de refugiados ucranianos na Europa (seis milhões) que não retornarão para casa. As últimas pesquisas já mostram que menos da metade pretende retornar. E desde que o parlamento de Kiev aprovou uma lei há alguns meses permitindo que homens entre 18 e 22 anos deixem o país (anteriormente proibida para aqueles entre 18 e 60 anos), os pedidos de asilo de ucranianos na Alemanha aumentaram 10 vezes.

O PAPEL DA HUNGRIA

O Ministro das Relações Exteriores húngaro, Péter Szijjártó, discutiu os preparativos para a reunião entre Putin e Trump em Budapeste com o assessor presidencial russo Yuri Ushakov por telefone. Ele relatou isso em sua página do *Facebook*.

Anteriormente, ele também conversou por telefone com seu homólogo russo, Sergey Lavrov, e com o primeiro vice-secretário de Estado americano, Christopher Landau. “A Hungria, como uma ilha de paz, está pronta para sediar a cúpula, e garantiremos

² Analista de política externa para o *Neue Zürcher Zeitung* e outros periódicos.

todas as condições para que os presidentes negociem efetivamente e para que a paz retorne à Europa”, escreveu Szijjártó após as negociações.

O primeiro-ministro húngaro, Viktor Orbán, afirmou na sexta-feira que Budapeste é o único lugar na Europa capaz de sediar o encontro entre Trump e Putin, afirmando que a Hungria é o único país que “*apoia a paz*” e oferece a eles um ambiente seguro.

“Se buscavam um lugar seguro do ponto de vista da paz, e também do ponto de vista técnico, Budapeste parece ser uma escolha lógica”, enfatizou o primeiro-ministro, garantindo que os preparativos para a reunião, prevista para ocorrer em duas semanas, já começaram.

Trump e Zelensky conversaram sobre “*reduzir as tensões*” antes de considerarem ataques na Rússia. Os líderes se encontraram por mais de duas horas na sexta-feira passada, em uma conversa descrita por Zelensky nas redes sociais como verdadeiramente útil para se aproximar do fim “*desta guerra*”.

Consideramos esta intervenção do líder ucraniano crucial: “*O presidente está certo (...) e temos que parar onde estamos*”, foi a primeira reação do presidente ucraniano durante uma coletiva de imprensa perto da Casa Branca, após concluir seu encontro com Trump.

Temos afirmado repetidamente nesta coluna que um dos cenários possíveis para uma conclusão seria congelar o conflito nos moldes acordados e criar uma espécie de solução ao estilo coreano. Hoje, essa possibilidade está presente.

Lembremos que, embora a Guerra da Coreia tenha terminado com um armistício em 1953, um tratado de paz nunca foi assinado, portanto, tecnicamente, os países permanecem em guerra. O conflito atual é caracterizado pela divisão ideológica, pela presença militar de potências estrangeiras e por confrontos intermitentes em uma Zona Desmilitarizada.

Além do resultado das negociações, acreditamos que há sinais claros do esgotamento do conflito. Isso pode ser sentido no ar, embora muitas partes interessadas não queiram acabar com esta guerra sem fim.

Paolo Falconio³ nos diz: “*As consequências da guerra vão além da dimensão militar, interpretando-a como um dispositivo geopolítico capaz de gerar transformações estruturais na ordem mundial.*” Dissemos desde o início que a guerra na Ucrânia é o campo de testes para determinar como será a ordem mundial nos próximos anos. A unipolaridade anglo-saxônica está morta.

Falconio prossegue: “*De uma perspectiva geopolítica, toda guerra representa um momento de reconfiguração do sistema internacional. Hans Morgenthau, em sua teoria do realismo político, enfatizou que o conflito é uma constante na política mundial, funcional para manter o equilíbrio de poder.*”

³ Analista geopolítico com experiência em relações internacionais, segurança europeia e políticas globais, membro da Sociedade de Estudos Internacionais, sediada em Madri.

Na atual fase histórica, caracterizada pela interdependência econômica e tecnológica, a guerra se manifesta em diversas formas, onde a coerção militar se entrelaça com instrumentos econômicos, informacionais e normativos.

Joseph Nye introduziu a distinção entre *hard power* e *soft power* para descrever novas formas de influência global. Hoje, essas dimensões coexistem e se sobrepõem: a guerra não é mais apenas destruição, mas também construção de consenso, manipulação narrativa e experimentação normativa. Mostramos isso em nossa coluna no *Velho General*.

Pode-se entender claramente que a guerra na Ucrânia se tornou um conflito controlado, ao invés de combatido, onde a diplomacia e a inteligência influenciaram e condicionaram a estratégia militar direta.

a) Os Estados Unidos mantiveram controle constante sobre a intensidade do conflito, equilibrando o apoio à Ucrânia com o medo de uma reação russa.

b) A Europa demonstrou sua vulnerabilidade estratégica, dividida entre princípios morais (esquecendo suas raízes cristãs originais) e dependências econômicas.

c) A Rússia, embora desgastada, consolidou sua resiliência interna e sentimento nacional, transformando a crise em uma ferramenta política e industrial.

d) A Ucrânia deixou de ser um símbolo de liberdade para se tornar um laboratório de poder, onde os limites do apoio ocidental e a fragilidade do consenso internacional foram testados.

Dado esse contexto geoestratégico global, a mudança na ordem mundial (da unipolaridade para a multipolaridade), essa guerra longa, irrestrita e quase interminável exauriu as partes em conflito. A frase “*a guerra é a continuação da política por outros meios*” foi cunhada pelo estrategista militar prussiano Carl von Clausewitz em sua obra *Da Guerra*. Essa afirmação sustenta que a guerra não é um ato independente, mas sim um instrumento político usado quando os métodos diplomáticos e políticos são insuficientes para atingir um objetivo. Após quase quatro anos, os meios políticos e diplomáticos serão suficientes?

Publicado no [La Prensa](#).

***Gabriel Camilli** é coronel da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.
